

MENDES, E. E. A fitoterapia na Atenção Primária à Saúde: a visão da enfermagem em uma cidade mineira. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA FAPEMIG, I., 2019, Itajubá. **Anais...** Itajubá: FWB, 2019.

Emanoele Emily Mendes¹

Renato Augusto Passos²

Lidia Chiaradia da Silva³

Débora Vitoria Alexandrina Lisboa Vilella⁴

FAPEMIG⁵

O uso das plantas medicinais e da fitoterapia é um representante da importância da cultura de uma população, fazendo parte também de um saber empírico que é utilizado e difundido ao longo de várias gerações. Hoje, já é comprovado cientificamente a ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente. (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006). Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (2015), fitoterápicos e plantas medicinais possuem diferenças: os fitoterápicos são medicamentos obtidos empregando-se, como princípio-ativo, derivados de drogas vegetais exclusivamente. Caracterizam-se pela eficácia e riscos do seu uso, como também pela sua qualidade. Já as plantas medicinais são aquelas capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade. Antes de usá-las é necessário conhecê-las, saber onde são encontradas e o modo de prepará-las. Quando a planta medicinal é industrializada para se obter um medicamento, esta se torna o fitoterápico. Esse processo para industrialização evita contaminações por substâncias estranhas, micro-organismos e agrotóxicos além de tornar seu uso mais seguro, padronizando a dosagem e o modo de uso (ANVISA, 2015). O Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Constituição Federal (CF) de 1988 na concepção de Passos (2015), se divide em níveis de atenção. A atenção primária enfatiza a promoção e prevenção de agravos à saúde como um conjunto de ações que englobam a promoção, a prevenção, o diagnóstico, o tratamento e a reabilitação, visando reduzir danos e sofrimentos que possam comprometer a possibilidade de viver de um modo mais saudável (BRASIL, 2009). O Ministério da Saúde, na busca de atender a necessidade de se conhecer, apoiar e implementar experiências que já estavam sendo realizadas na rede pública de muitos municípios e estados, apresentou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (LOURES et al., 2010). Possui ainda a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, que objetiva garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, além de promover o uso sustentável da biodiversidade (BRASIL, 2009). Considera-se como fitoterápico toda preparação farmacêutica (extratos, tinturas, pomadas e cápsulas) que utiliza como matéria-prima alguma ou todas as partes de plantas, como folhas, caules, raízes, flores e sementes, com

¹ Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação Científica. Acadêmica do 9º período do curso de Enfermagem, da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá- MG, Brasil. **E-mail:** e2mendes@hotmail.com

² Orientador. Professor Mestre da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá- MG, Brasil. **E-mail:** renatoapassos@usp.com

³ Coorientadora. Professora Mestra da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá- MG, Brasil. **E-mail:** lydiachiaradia@yahoo.com.br

⁴ Coorientadora. Professora Mestra da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá- MG, Brasil. **E-mail:** juliovillella@ig.com.br

⁵ Fonte Financiadora "Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais".

conhecido efeito farmacológico. O uso correto dessas preparações traz uma série de benefícios para a saúde humana, ajuda no combate a doenças infecciosas, disfunções metabólicas, doenças alérgicas, traumas diversos, entre outros. Associado aos seus benefícios e ação terapêutica comprovada, está o seu baixo custo, a grande disponibilidade de matéria-prima (plantas), e a cultura relacionada ao seu uso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2010). Segundo Pires e Araújo (2011), os medicamentos tradicionais ou alopáticos possuem um alto custo e risco de intoxicação devido a sua ação rápida e o uso indiscriminado, além de serem completamente artificial e possuir substâncias contraindicadas em algumas fases da vida como exemplo durante uma gestação. Existem relatos em que sujeitos consideram os medicamentos alopáticos ruins para a saúde, uma vez que ao mesmo tempo que eles tratam uma doença, podem causar danos à saúde, bem como muitos efeitos adversos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) também tem incentivado o uso dos fitoterápicos e de outras terapias naturais para os brasileiros, principalmente para a população mais carente, devido ao baixo custo (SILVA; SILVA; ANDRADE, 2007). O baixo custo desse produto é explicado por Hasenclever, et al, (2009) que em seu estudo sobre a potencia competitiva do setor de fitoterápicos, diz que o custo das pesquisas e o desenvolvimento do medicamento é menor que os da indústria farmoquímica, esse fato se justifica ao conhecimento tradicional e a biotecnologia. O enfermeiro possui um importante papel na promoção da saúde da população, garantindo assim uma boa qualidade de vida, e a implementação desta prática em saúde favorece esta dinâmica. É de sua competência identificar as necessidades de sua clientela e intervir por meio de práticas mais acessíveis, sendo seu dever conhecer as práticas integrativas e complementares propostas pelo sistema onde atua. Segundo Pennafort et al. (2012) as pesquisas demonstram que o desconhecimento do profissional em relação à legislação e à falta de capacitação específica são limitações para atuação do profissional nesta área. Este estudo tem como objetivo compreender a percepção dos enfermeiros atuantes na atenção primária à saúde em um município mineiro sobre a vivência e inserção da prática de fitoterapia no SUS. Tratou-se de um estudo qualitativo, exploratório, descritivo e transversal, utilizando o método de Bardin para análise dos dados. O número de participantes da pesquisa foi de 5 enfermeiras. Os dados foram analisados e 4 categorias foram identificadas: Considerado como importante e benéfica; Não possui conhecimento; Vivência e inserção da prática de fitoterapia e Diversas dificuldades. A terceira categoria originou duas subcategorias: Desconhece a utilização pela sua comunidade e Vivencia e insere a fitoterapia em sua comunidade. A partir das indagações realizadas ficou perceptível que todos os entrevistados reconhecem a importância, os benefícios e o valor do uso das plantas medicinais em suas diversas formas de apresentação, perante a sociedade. Mesmo diante desse interesse e aprovação todos relataram não possuir conhecimento suficiente para orientação e prescrição, apesar de que a maioria em algum momento realiza essa orientação e/ou prescreve algum fitoterápico, o que mostrou que talvez não haja um entendimento correto do que é fitoterápico para alguns profissionais, que relataram não trabalharem com esse tipo de terapia mais ao longo da entrevista disseram que orientavam a utilização de alguma forma de fitoterápico ou planta medicinal. Destaca-se na pesquisa a necessidade da capacitação para todos os profissionais, o mas interessante, é que se esta fosse ofertada ainda na graduação, momento oportuno para novos olhares e aprendizagem, iria incentivar a procura por especializações. A capacitação aos profissionais que já trabalham na saúde coletiva também é de extrema importância para despertar o interesse nessa temática que

vem crescendo cada vez mais e ganhando seu espaço diante de tantas terapias, tratamentos e medicamentos inovadores. A partir desses resultados expostos ficou claro que existe uma vontade em aprender dos profissionais, em querer ofertar o melhor atendimento aos usuários, e a fitoterapia pode oferecer isso, ela está em meio a sociedade a milênios, e é do dever dos profissionais da área de saúde e dos gestores de saúde divulgarem e implementarem essa prática dentro de seus municípios na busca de meios mais saudáveis e de qualidade de vida.

Palavras-chave: Fitoterapia. Enfermagem. Atenção Primária à Saúde. Plantas Medicinais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Fitoterápicos: gerência de medicamentos isentos, específicos, fitoterápicos e homeopáticos GMEFH**. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS no seu município: garantindo saúde para todos**. 2. ed. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_municipio_garantindo_saude.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2017.

HASENCLEVER, L. et al. **Diagnóstico dos desafios e oportunidades no mercado de plantas medicinais e fitoterápicos brasileiro**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/inovacao/trabalhos_tecnicos/Publicacao_Fitoterpicos.pdf>. Acesso em: 22. nov. 2017.

LOURES, M. C. et al. Contribuições da fitoterapia para a qualidade de vida: percepções de seus usuários. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 278-283, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n2/v18n2a19.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

PASSOS, R. A. **Cotidiano e saúde(s): estudo etnográfico dos usuários do SUS em um município do Sul de Minas**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade)-Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unifei.edu.br/xmlui/handle/123456789/214>>. Acesso em: 20 set. 2018.

PENNAFORT, V. P dos S. et al. Práticas integrativas e o empoderamento da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 289-295, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/531>>. Acesso em: 17 set. 2017.

PIRES, A. M.; ARAÚJO, P. S. Percepção de risco e conceitos sobre plantas medicinais, fitoterápicos e medicamentos alopáticos entre gestantes. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 35, n. 2, p. 320-333, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2011/v35n2/a2445.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SILVA, C. G. R.; SILVA, J. L. M da; ANDRADE, M. Fitoterapia como terapêutica alternativa e promoção de saúde. **Informe-se em promoção da saúde**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 15-17, 2007. Disponível em: <<http://princípio.org/fitoterapia-como-teraputica-alternativa-e-promoco-da-sade.html>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia Popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 115-121, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n1/a14v15n1.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Programa de plantas medicinais e terapia não-convencionais: fitoterapia**. Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/proplamed/atividades/fitoterapia/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

